

## REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DO DOCENTE DE GEOGRAFIA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO, NO MUNICÍPIO DE ARAÇAGI - PB

Wellington Miguel Dantas <sup>1</sup>

Ana Maria Jorge de Souza Carneiro <sup>2</sup>

Maria da Glória Vieira Anselmo <sup>3</sup>

Aldylayne Elen Oliveira Duarte <sup>4</sup>

Simone da Silva <sup>5</sup>

**RESUMO:** Este estudo refere-se a uma reflexão das práticas educativas no âmbito educacional e uma delas é o estágio supervisionado, que corresponde a uma formação contínua do docente. Nesse contexto, objetivou-se nesta pesquisa caracterizar a entidade escolar E. E. E. F. Rodrigues de Carvalho, do Município de Araçagi (PB); observar as práticas de ensino adotadas por uma docente que ministra as aulas de geografia no ensino fundamental II, a forma de planejamento, os recursos didáticos, sua relação com os discentes, o perfil dos educandos, a assimilação dos mesmos a respeito dos conteúdos e exercer a função de professor de geografia, como forma de experiência no 6º ano do Ensino Fundamental II. Os direcionamentos metodológicos pautaram-se em: pesquisa bibliográfica, pesquisas na internet, questionários e entrevistas semi-estruturadas e estruturadas com as gestoras da escola e a docente de Geografia. A experiência obtida no estágio supervisionado foi de ter uma realização na área pessoal e profissional, sob tais aspectos: realizar essa atividade na escola espaço de vivência do cotidiano no contexto local e por em prática todo conhecimento adquirido na Universidade no ato da docência, foi muito gratificante encarar todo esse processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação, Geografia, Estágio, Ensino, Aprendizagem.

### 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre uma reflexão das práticas educativas no âmbito educacional e uma delas é o estágio supervisionado, que corresponde a uma formação contínua do docente e ainda referente a essa temática, Kim e Godoi (2010) mencionam que o estágio supervisionado é de fundamental importância nos cursos de licenciatura, e não era para ser realizado apenas como um cumprimento do componente curricular/ disciplina, mas sim ser feito de uma maneira contextualizada e que esteja comprometido com os processos de transformações no campo social, através de uma formação pessoal e profissional, sob a responsabilidade individual, para que dessa maneira possa desenvolver várias habilidades no processo de ensino e aprendizagem.

<sup>1</sup> Especialista em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - RN, wellingtonmiguel05@gmail.com;

<sup>2</sup> Especialista em Língua Portuguesa e Produção Textual da Universidade Estadual da Paraíba - PB, anamariajcarneiro@gmail.com;

<sup>3</sup> Mestre em Agronomia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, gloria.anselmo@gmail.com;

<sup>4</sup> Graduada em Psicologia pela Faculdade Uninassau, aldylayneduarte@gmail.com;

<sup>5</sup> Professora orientadora: Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal da Paraíba - PB, simoneds86@gmail.com;

O interesse por esta temática se deu devido aos referidos fatores: cumprir uma exigência do Curso de Licenciatura em Geografia e poder viver experiências na sala de aula, com construção de saberes entre educadores/educando, havendo uma integração entre o conhecimento escolar e a apreensão da realidade desses.

Esse estudo estrutura-se em dois momentos, no primeiro foi feito um levantamento de dados da escola referentes a tais informações: estrutura física, localização, o número de alunos matriculados, quantidade de professores, especificidade deles em geografia, disponibilidade de espaços educativos e lazer para os educandos, dentre outros dados. O segundo pautou-se em duas fases distintas a serem analisadas e praticadas durante o estágio que são: a observação e regência.

Para Pimenta e Lima (2011) o estágio é como uma fase de aproximação e intervenção na realidade, o diagnóstico da escola poderá servir para o estagiário sentir de perto a estrutura, a organização e o funcionamento da unidade escolar; por isso é importante que observemos atentamente seus hábitos, sua cultura e a rotina. Diante desse contexto, os autores ainda elencam que o diagnóstico da escola se torna base importante para o desenvolvimento do estágio é importante conhecer o contexto em que a referida instituição está inserida.

A pesquisa destaca-se pela importância de analisar por meio da leitura quantitativa, fornecida pelo gestor escolar da instituição de ensino visitada, juntamente com o olhar empírico o perfil qualitativo da entidade de Ensino Fundamental da Rede Estadual, na perspectiva de descrever a estrutura, o número de alunos e professores.

Objetivou-se neste estudo caracterizar a entidade escolar E. E. E. F. Rodrigues de Carvalho, do Município de Araçagi (PB); observar as práticas de ensino adotadas por uma docente que ministra as aulas de geografia no ensino fundamental II, a forma de planejamento, os recursos didáticos, sua relação com os discentes, o perfil dos educandos, a assimilação dos mesmos a respeito dos conteúdos e exercer a função de professor de geografia, como forma de experiência no 6º ano do Ensino Fundamental II.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Caracterização da Escola**

Para realizar um ótimo levantamento de dados da escola é necessário que o estagiário vá além das informações estatísticas, ou seja, que o mesmo observe a instituição viva, em funcionamento, desde a entrada dos alunos, os espaços que eles convivem, tais como: o pátio,

a sala de aula, o momento do recreio (intervalo) e a sua saída. Assim, o diagnóstico requer um olhar minucioso para verificar quais as reações da população escolar diante das mudanças, inovações e de mais acontecimentos. (PIMENTA E LIMA, 2011 p. 224).

A instituição de ensino: Escola Estadual de Ensino Fundamental Rodrigues de Carvalho está situada à Rua Professora Maria do Carmo S/N, bairro: Centro, no Município de Araçagi (PB) (Figura. 1), cuja direção é composta por uma Gestora e uma Vice-Gestora, a mesma atende os níveis de Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tem 914 alunos matriculados no total, 76 professores e 24 técnicos de apoio que desenvolvem atividades administrativas e de limpeza.

No que se refere à infraestrutura a mesma conta com 13 salas de aula, sala dos professores, sala da direção, laboratório de informática, biblioteca, cantina, espaços reservados para conversas durante o intervalo, 6 banheiros, sendo 4 destinado aos alunos e 2 aos professores.



**Figura 1** - visão geral da E. E. F. Rodrigues de Carvalho- Araçagi (PB).  
**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2012.

Por estar desenvolvendo a atividade de docente na fase de estágio supervisionado I, o público a ser contemplado são os alunos regularmente matriculados no ensino fundamental II que se estende do 6º ano ao 9º ano numa faixa etária entre 10 a 14 anos, os quais são da Zona Rural e Urbana, e estudam no turno diurno.

Os recursos tecnológicos presentes na escola são: O laboratório de informática que não está sendo utilizado por problemas técnicos e quando estavam em perfeitas condições, restritamente era utilizado pelo alunado, já que os professores não estão se adaptando a era da tecnologia, pois alguns não tem interesse e tem dificuldades em se adaptar, pois não

receberam formação para isso; outro seria um telão utilizado apenas em eventos culturais, uma televisão, um aparelho de DVD e outro de som para exibir filmes e documentários.

Os professores que lecionam na escola perfazem um total de 19 professores, sendo 16 atuando em áreas afins e 3 atuando na geografia, no qual apenas 2 desses tem formação na Ciência Geográfica e o outro é formado em história, o que provavelmente prejudica o aprendizado dos discentes em termos de conhecimento. O educador com formação em outra área não tem a mesma visão de um geógrafo, que busca a essência dos elementos naturais.

A qualidade do ensino torna-se prejudicada devido a tais condições: a falta do potencial teórico-metodológico utilizado pelo professor de Geografia, na construção do conhecimento e formação do sujeito crítico, participativo das problemáticas cotidianas que envolvem desde a instituição de ensino, até a moradia. No entanto, professores de outras áreas não detém esta percepção metodológica e tornam-se bitolados aos livros didáticos de geografia, as aulas ministradas são monótonas e desinteressantes para o alunado. Segundo Pontuschka (2009) durante a formação do professor de Geografia, há necessidade de fazer escolhas em meio ao universo de conhecimentos estudados em geografia e nas ciências afins; de levar em conta a estrutura da própria disciplina; de rever e produzir outro saber que considere a essência do pensamento geográfico atual e estudá-lo com o público específico de alunos.

A pesquisa demonstrou com base nas arguições feitas pela Vice- Gestora da escola “que é muito difícil conseguir uma parceria entre família e escola”. A dificuldade de professores formados atuantes no ensino de geografia, isso mostra um déficit no setor educacional, pois em muitos municípios os profissionais que lecionam esta disciplina são formados em outra área do conhecimento, dentre elas destaca-se: a história, a ciência e etc.

## **2.2 Procedimentos Metodológicos**

Os direcionamentos metodológicos pautaram-se em: pesquisa bibliográfica na Resolução/UEPB/Consepe/14/2005, que rege as normas do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura Plena da Universidade Estadual da Paraíba e uma reflexão em tais autores: Callai (2005), Santos (2006) Vesentini (2008) Pires (2011), Pimenta e Lima (2011) dentre outros que discutem a temática de estágio supervisionado, tais como relatos de experiências e de como se posicionar como estagiário no âmbito educacional.

Pesquisas na internet em órgãos como: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da educação e Cultura (MEC).

Para o levantamento de informações a respeito da caracterização da E. E. E. F. Rodrigues de Carvalho foram aplicados questionários e entrevistas semi-estruturadas e estruturadas com a Diretora da instituição de ensino, a Vice-diretora e alguns funcionários, os mesmos foram elaborados com a supervisão do docente, o qual abordava questões do tipo: Quais são as condições físicas da escola, a instituição de ensino tem biblioteca? Como é utilizada? E quais as condições, a escola dispõe de laboratório de informática ou recursos tecnológicos, como data show para serem utilizados pelos professores? Com facilidade os entrevistados nos forneceram os dados sem nenhuma recusa, além de registros fotográfico e observações feitas à estrutura da escola e onde a mesma encontra-se localizada e por último foi feita a sistematização dos dados obtidos em campo.

Na etapa de observação, para obter-se informações referentes ao perfil da docente e dos alunos foi realizada uma entrevista com a educadora com os seguintes questionamentos: sobre os seus dados pessoais e profissionais, como nome e idade, sua formação, há quanto leciona?, Como faz o planejamento das suas aulas?, Qual a maior dificuldade que encontra no ensino de geografia?, Qual o livro de geografia adotado pela escola, de que maneira se relaciona com os alunos?, Quantos alunos estão matriculados nessa turma?, Entre outros a mesma respondeu com clareza a todos sem nenhuma recusa.

Posteriormente, procedeu-se a fase da regência na qual por exercer a função de estagiário teria que dá aulas e para elaborá-las, tive que fazer um planejamento prévio dos conteúdos a serem explorados na sala de aula de forma aberta a sofrer modificações para atender as necessidades dos discentes.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I (OBSERVAÇÃO)**

A fase do estágio observatório foi realizada na E. E. E. F. Rodrigues de Carvalho, no município de Araçagi (PB), o primeiro contato foi com a gestora escolar H. M. S, a qual foi apresentado o Termo de compromisso de estágio (Lei nº 11.788, de 25/09/08), para esclarecer que necessitava estagiar na referida instituição de ensino, em uma das séries do Fundamental II, na disciplina de Geografia. Em seguida a mesma fez a leitura de cada uma das cláusulas desse documento e deferiu que as atividades tivessem início, indicando uma profissional da educação que se enquadrava nos critérios a serem exigidos pela UEPB e desse modo iniciaram-se as atividades.

As observações foram feitas no 6º ano do Ensino Fundamental, no turno manhã, durante as aulas de geografia, que são ministradas pela profissional J. A. N. P., de 49 anos, que tem formação acadêmica no curso de licenciatura em História, porém, por ter surgido à oportunidade de lecionar a disciplina de geografia, na referida escola, a mesma tem 25 anos de experiência na área da educação e realiza frequentemente a formação continuada oferecida pela Secretaria do estado da Paraíba.

De acordo com Kim e Godoi (2010) a formação profissional não termina com a conclusão do curso, ela é contínua e exige uma constante modificação. Dando continuidade as investigações através da prática e do estudo sempre.

Quando indagada sobre a profissão a mesma elencou que “sente-se realizada por está formando cidadãos para o futuro”, mas apontou como uma das maiores dificuldades no ensino geográfico: “os livros didáticos que fogem da realidade do aluno, trazendo discussões em nível mundial, nacional, regional e não apresentam o local”.

Nesse contexto, questionou-se à professora de como era feita a seleção do livro didático? E qual é o livro de geografia adotado pela escola? A mesma respondeu que: a escolha do livro é feita a cada dois anos, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) envia alguns exemplares para escolas e a direção desta marca uma reunião com os professores, para selecionarem os de linguagem com fácil compreensão do alunado, porém a última coleção escolhida foi Geografia: para viver juntos (projeto Radix).

No que se refere ao planejamento das aulas, a docente mencionou que o faz semanalmente, pois durante a semana ensina os dois turnos, aproveitando o dia de folga e os fins de semana para cumprir essa obrigação, construindo-o de acordo com os conteúdos programáticos expostos no livro. As metodologias utilizadas são: aulas expositivas e dialogadas, leituras de textos e atividades no quadro referentes ao assunto. No diário de classe registra a frequência dos alunos e o que foi desenvolvido ao fim de cada dia letivo

O espaço de aula observado conta com 26 alunos, numa faixa etária de 11 a 13 anos, a maioria é da zona rural e por lá não haver o Ensino Fundamental II, estudam na zona urbana do município que oferece esse tipo de ensino e ainda disponibiliza transportes para conduzi-los todos os dias. Com relação ao perfil destes nota-se que são atenciosos, prestam a atenção as aulas e alguns interagem com a professora.

A análise da educadora foi feita durante algumas de suas aulas, em que trabalhava com a temática: Hidrosfera Terrestre (a água na Terra), a mesma introduziu com arguições direcionadas de modo a fazer com que a turma refletisse: Qual a importância da água para a superfície terrestre e a vida dos seres vivos? Alguns responderam que: “sem a água não

existiria vida no mundo”. Diante dessas informações destaca-se que os alunos são capazes de fazer a relação dos conteúdos a serem trabalhados em sala com a sua realidade.

Nos dias letivos seguintes a docente colocou em pauta: a origem da água? Que segundo ela: existem duas versões para o surgimento dos recursos hídricos: “uma delas é a da criação divina, ou seja, estes recursos passaram a existir através de Deus, já que ele criou o mundo; a outra foi a que alguns cientistas dizem que água surgiu através do resfriamento”. Ao terminar de explicar isso ela fez uma pergunta a turma, qual a utilidade da água? E obteve tais repostas: “para as atividades diárias e de higiene pessoal, tomar banho, escovar os dentes, lavar as mãos etc.” E para finalizar este assunto a professora expos oralmente algumas formas de preservar a água.

Para encerrar essa fase do estágio supervisionado, foram feitas discussões com a educadora, pontuando ações que contemplam a segunda etapa, que é a regência, a mesma escolheu o conteúdo que daria subsídio às aulas e pediu que elaborasse um plano de aula, sugerindo que trouxesse inovações tecnológicas, pois ela não tinha tempo para fazer isso

### **3.2. A PRÁXIS DA GEOGRAFIA NA E. E. E. F. RODRIGUES DE CARVALHO**

A etapa da regência foi desenvolvida no 6º ano “A”, turno manhã, estruturada da seguinte maneira: apresentação, dinâmicas, experiências em ministrar aulas de geografia, assumindo o papel de professor durante quatro aulas.

A aula deve ser colocada em prática como um ato de amor, uma dança, um orgasmo múltiplo, um gozo ensurdecido, uma festa, um ato político, uma manifestação de indignação contra as injustiças. E por isso, aqueles que não veem isso em uma aula, aqueles que jamais se arrepiaram com a descoberta dos seus alunos, aqueles que jamais souberam o que é velar à noite às palavras do dia seguinte, nunca saberão e sentirão o prazer que a profissão de professor pode proporcionar (FERNANDES, 2003, p. 31).

Nas primeiras aulas, foram feitas dinâmicas de apresentação, em seguida os estudantes se apresentaram dizendo: nome e de onde eram. Logo após por uma questão de alteração na rotina diária dos mesmos mudou-se a posição das carteiras, que estavam enfileiradas e fez-se um círculo, para começar a conduzir as aulas iniciando-se pela explanação do conteúdo programático a ser explorado que foi: o uso das águas oceânicas em tais aspectos: os principais recursos e transportes marítimos, as atividades costeiras e os impactos ambientais: poluição e a degradação das águas costeiras. Tendo como objetivo: analisar o uso das águas dos mares, no mundo e no Brasil frente à poluição e a degradação das principais áreas

costeiras. Os principais recursos tecnológicos utilizados durante às aulas foram o data show, a televisão o aparelho de DVD e etc.

Para ensinar o professor deve seguir um método, mesmo que seja simples, porque este refere-se a “forma” como se pretende trabalhar um assunto para atingir objetivos e metas, por incluir a escolha de recursos didáticos e a dinâmica da aula. A voz, o quadro-negro e giz são os recursos antigos que o professor tem utilizado (VIEIRA e GOMES de SÁ, 2010).

As atividades de iniciação a docência iniciaram-se com questionamentos referentes ao tema mencionado anteriormente, procurando saber se eles sabiam de que se tratava o termo “águas oceânicas”, os discentes afirmaram que não tinham conhecimento, em seguida foi projetado um slide com a imagem do fundo do mar e eles começaram a falar os elementos que estavam visualizando, dentre eles: os animais, tartaruga marinha, cavalo marinho, tubarão, baleia, estrela do mar, as ostras e a água, posteriormente utilizou-se do quadro para fazer um mapa conceitual sobre o que eles falaram e juntos começamos a construir o conceito das águas oceânicas.

Outro ponto a ser destacado foi a distribuição dos recursos hídricos na superfície terrestre, dando ênfase ao percentual de água salgada que se estima em 97%, ainda na parte introdutória levantei a seguinte indagação quais são as principais atividades praticadas nos oceanos? E eles responderam rapidamente, “a pesca”, ainda na tentativa de extrair mais informações indaguei somente essa atividade? Não havendo nenhuma manifestação falei outra prática realizada nos mares é a extração do petróleo e do gás natural no mundo.

No decorrer da atuação em sala de aula falei que existiam duas formas de pesca a oceânica e a industrial, através de figuras que mostravam o desenvolvimento de cada uma delas eles obtiveram o consenso de que a primeira é realizada em alto-mar, como forma de aventura em pescar peixes para o consumo e diversão, diferentemente da segunda que é desenvolvida em barcos de porte tecnológicos e que nesse pescado prioriza a questão da venda, sendo feita a super -exploração pesqueira feita pelos pescadores e grandes empresários em prol do crescimento e da obtenção de lucro sem se preocupar com a extinção de algumas espécies, entre elas: a baleia azul, o bacalhau, atuns e etc.;

Desse modo, leitura de uma charge (figura 2), para dinamizar o arcabouço teórico através desse recurso referente a uma das consequências que se levam as pessoas a caçarem as baleias, pois os óleos de bronzear são extraídos desse animal e vendidos em todo o território nacional.





Figura 2: Charge sobre a extração animal marinho

“O ensino de Geografia e o de Cartografia são insociáveis e complementares: a primeira é o conteúdo a outra é a forma. Não há possibilidade de se estudar o espaço sem representá-lo, assim como não podemos representar um espaço vazio de informação” (PASSINI, 2010). Utilizei umas das grandes ferramentas da ciência Geográfica que foi a cartografia com a utilização de mapas de localização: 1 dos oceanos (nos vários continentes do mundo), 2 dos locais como: as áreas pesqueiras, das jazidas de gás natural, de petróleo e da contaminação dos mares.

Essa atividade procedeu com a projeção desses mapas orientou-se os alunos a localizarem primeiramente as áreas pesqueiras do Brasil e um deles fez isso, além de mencionar que o “referido mapa localizava também todos os continentes”, ao provocar essa situação toda à turma queria participar, foi apresentado logo em seguida outro mapa que espacializava a **distribuição** das jazidas de petróleo e gás natural no mundo, e me surpreendi quando perguntei qual o País que tem uma quantidade de jazida de petróleo e gás natural? uma aluna disse : “professor é os Estados Unidos, por ser um país rico”.

Diante disso, nota-se que a professora não utilizava instrumentos cartográficos primordial da geografia, levando-se em conta que estes recursos apresentados na sala de aula foram retiradas do próprio livro didático que ela utiliza com a turma e nesse ponto que destaca-se a falta de interesse da profissional em explorar elementos que enriqueçam o conhecimento do alunado. A formação dos alunos para entender os fenômenos geográficos em sua especialidade necessita de mapas como acervos permanentes na sala de aula, sem que haja uma necessidade de transporte a cada aula. Paralelamente é necessário que o professor de Geografia possibilite a visualização do espaço geográfico a ser estudado, os mapas são um convite para os alunos pensarem no espaço (PASSINI, 2010).

Como forma de aproximar o conteúdo ao cotidiano dos discentes foi primordial usar imagens dos principais: meios de transportes oceânicos que eles conhecem como canoas, barcos e navios com grandes aparatos tecnológicos, os portos marítimos de Xangai (China), o de Suape (PE) e o de Cabedelo (PB), a ocupação das zonas litorâneas da Baía da traição (PB), Cabo Branco (PB) e da cidade do Rio de Janeiro (RJ) essa última foi a que todos inclusive a

professora identificaram com uma rapidez por conta do pão de açúcar e enquanto as outras duas não conseguiram dizer de onde eram e danos ambientais nas águas dos oceanos e as ameaças às espécies marinhas em extinção como o peixe-boi a garoupa e etc.

Segundo Antunes (2009) “ensinar é ajudar e apoiar os alunos a confrontarem uma informação de relevância no âmbito da relação que estabelecem com uma dada realidade, capacitando-os para reconstruir os significados atribuídos ao seu cotidiano e a essa relação”.

O encerramento da primeira parte da fase regencial constituiu-se em uma distribuição de revistas nordeste, para os alunos com uma matéria cujo título era: **Brasil já consome água obtida do mar** relacionada ao que foi apresentado e sugeri que os mesmos fizessem uma prévia leitura para que fosse discutido e esclarecidas algumas dúvidas com relação a essas aulas no próximo encontro, a professora gostou muito do material e pediu que repasse para ela utilizar nas outras turmas e assim me despedi e retornei para casa.

Na última etapa da regência, as discussões começaram a partir de uma revisão do conteúdo estudado nas aulas anteriores. Logo após mencionou-se que tinha trazido algo novo para trabalhar como vídeos em forma de documentários, trazendo um alerta sobre os danos que a sociedade pode realizar nas diferentes áreas costeiras e uma atividade escrita para avaliar o conhecimento obtido referente ao assunto visto.

Diante do que foi colocado o vídeo é um recurso didático que serve para os alunos fixarem o conteúdo durante o processo de aprendizagem, pois, as imagens e cenas apresentadas no decorrer do vídeo são importantes para que eles visualizem as contradições do espaço geográfico (VIEIRA e GOMES de SÁ, 2010).

Na sala de aula foram exibidos três vídeos: o primeiro falava sobre a super- exploração pesqueira nos mares, a forma que os pescadores pescavam as espécies, o segundo mostrava o fundo do mar poluído e os animais marinhos que estavam ameaçados de serem extintos e o terceiro trazia uma abordagem sobre o vazamento de petróleo na bacia de campos (RJ). A experiência de se trabalhar com esse recurso áudio- visual foi muito interessante, porque pude comprar através do som e das imagens, os discursos teóricos com informações fornecidas pela mídia e que de certa forma os discentes pudessem questionar, opinar e criticar sobre aquilo que estavam vendo. Ao final da exibição dos vídeos perguntei de forma individual o que eles tinha entendido de cada um deles e a cada resposta anotava no quadro e listei os pontos principais que os mesmos observaram e notei que houve uma aprendizagem entre ambos.

Vieira e Gomes de Sá (2010) mencionam que o docente precisa explorar as imagens e suas sequências articulando-as no tempo e no espaço para extrair informações para se valer das propriedades específicas de um vídeo que são elas: som imagem e movimento.

Posteriormente, os alunos fizeram uma leitura do texto: As águas oceânicas, que elaborei juntamente com a professora da disciplina de geografia e anotassem suas dúvidas com relação ao mesmo, depois apliquei um exercício escrito que foi organizado com questões sobre o conceito de águas oceânicas, mar e pesca, e de exemplos uma das principais bacias brasileiras de petróleo e as principais formas de degradação num ambiente costeiro. As formas de avaliação não devem ser encaradas pelo professor como um instrumento de propriedade que aplica ao aluno, porém um estímulo a auto avaliação na qual o aluno, após uma série de desafios, é instigado a perceber seu progresso e evolução (ANTUNES, 2009).

Ao fim dos trabalhos, foi feito um agradecimento a professora pela paciência e apoio nesse momento tão especial, a mesma reconheceu o esforço e solicitou o material apresentado para repassar para as outras turmas e sendo assim a contribuição como estagiário na área da educação foi muito significativa e serviu de base para o crescimento profissional.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das informações obtidas durante a pesquisa destacam-se a importância do estagiário estar atento, inicialmente ao espaço escolar onde está sendo posto em prática o estágio supervisionado I e observar a postura do educador na segunda fase do ensino fundamental, em diferentes salas de aula, o modo como eles estão colocando em prática o ensino de geografia, identificar o perfil dos alunos, o nível de aprendizagem de cada um deles em seguida assumir a função de professor para cumprir a exigência do curso de geografia e obter experiências a respeito do papel do educador, além de desenvolver práticas direcionadas ao ensino e adaptá-las as novas mudanças tecnológicas, inovando às aulas, na perspectiva da construção do conhecimento o qual o professor e aluno possam aprender juntos através da troca de conhecimento entre ambos.

A experiência obtida no estágio supervisionado foi de ter uma realização na área pessoal e profissional, sob tais aspectos: realizar essa atividade na escola espaço de vivência do cotidiano no contexto local e por em prática todo conhecimento adquirido na Universidade no ato da docência, foi muito gratificante encarar todo esse processo de aprendizagem.

Para que o aluno compreenda a sua condição de sujeito no processo social, cultural, econômico e ambiental. Callai (2005) destaca que na educação deve-se contemplar a realidade do mundo atual, cuja as características implicam que a velocidade da informação supera qualquer distância, e que todos os problemas do cotidiano se entrelaçam em níveis complexos.

Todavia, ressalta-se que um dos grandes desafios da Educação no ensino de geografia, na atualidade é relacionar esta forma de ensino com a formação do cidadão. Callai (2001)

menciona que a educação para a cidadania é um desafio para o ensino e a geografia é uma das disciplinas fundamentais para tanto. O conteúdo das aulas de geografia deve ser trabalhado de forma que o aluno construa a sua cidadania.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professores e Professauros: Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas - SP, vol. 25, nº 65, p. 227-247, 2005.

FERNANDES, Manoel. **Aula de geografia e algumas crônicas**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

KIM, Saiki e GODOI, Francisco Bueno. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: PASSINI, E. Y.; PASSINI, R. e MALYSZ, T. (Org.) **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PASSINI, E. Y.; PASSINI, R. e MALYSZ, T. Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PIMENTA, G. S. e LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. (coleção docência em formação série saberes pedagógicos). 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIRES, L. M. Observando e descobrindo a prática pedagógica do professor de geografia no ensino fundamental: as primeiras impressões são as que ficam? **IV EDIPE- Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino- PUC-GOÍÁS**, 2011.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/14/2005. Disponível em: <  
[www.uepb.edu.br/index.php?option=com\\_docman&task.>](http://www.uepb.edu.br/index.php?option=com_docman&task.>) Acesso em 25/05/2012.

SANTOS, Clézio. **O estágio Participativo na formação de professores de geografia do ensino fundamental e médio**. Disponível em: <  
<http://www.partes.com.br/educacao/estagioparticipativo.asp>> Acesso em 25/05/2012.

VESENTINI, José William. Educação e ensino de geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **A geografia na sala de aula**. 8ª ed. São Paulo: contexto, 2008.

VIEIRA, Carlos Eduardo e GOMES de Sá, Medson. In: PASSINI, E. Y.; PASSINI, R. e MALYSZ, T. (Org.) **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.